

VICO E A SUA "CIÊNCIA NOVA"

LÚGI CASTAGNOLA

(Universidade Federal do Paraná)

Pietro Piovani, da Universidade de Nápoles, escrevendo sobre João Batista Vico, achou que o autor da famosa **Ciência Nova** tinha "todos os títulos para ser considerado o máximo entre os filósofos italianos" (1).

Quem julgar exagerada a qualificação, sem mais nem menos, de "máximo entre os filósofos italianos", subscreverá facilmente, no entanto, as afirmações de Piovani que, considerando "nossos tempos barulhentos e distraídos" pouco favoráveis à meditação, julga contudo ser Vico "filósofo particularmente apropriado para as épocas de rápidas e dramáticas transformações. "Mais ainda: é, por excelência, "filósofo das crises" (2).

Por êstes motivos, e também porque Vico foi um literato invulgar, será proveitoso escrever um artigo informativo sobre aquele que, enfaticamente, Benedetto Croce quis chamar de "revolucionário descobridor da ciência estética" (3). O momento é especialmente favorável, pois decorre neste ano de 1968 o terceiro centenário do nascimento de Vico, tendo nascido êle em Nápoles, em 1668. Sua infância foi pobre; aliás a miséria foi sua companheira inseparável do nascimento até a morte, apesar de ter sido por longos anos catedrático da Universidade de Nápoles e de ter dirigido cartas aos poderosos de então, solicitando com certa insistência auxílios econômicos e cargos para si e para os filhos (4). Aos sete anos de idade, lemos na **Autobiografia**, caindo de uma escada, fraturou a cabeça; o médico

1) Pietro PIOVANI, *Presenza di Vico e terzo centenario vichiano*, em *Cultura e Scuola*, Roma, 1966, N.º 20, p. 5.

2) *Idem*, *ibidem*, p. 5.

3) Benedetto CROCE, *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*, Laterza, Bari, 1928, p. 242.

4) Cf., por exemplo, as cartas dirigidas ao príncipe Eugênio de Savóia, ao imperador Carlos VI, ao rei Carlos de Bourbon.

prognosticou que morreria dentro de pouco tempo ou viveria abobado. Nem uma coisa nem outra, entretanto, aconteceu.

Aluno do Colégio Máximo, dirigido pelos Jesuítas, aplicou-se ao estudo com dramática paixão; certo dia, desesperado por não entender algumas doutrinas pouco apropriadas à inteligência de sua idade, desanimou e afastou-se dos estudos por um ano e meio.

Matriculou-se a seguir na Universidade de Nápoles, adquirindo profundos conhecimentos humanísticos e jurídicos. Aos dezoito anos de idade defendeu o pai nos tribunais e ganhou a causa.

Por esta época, Vico começou a escrever poesias; mas não havia êle nascido para escrever versos (5).

Depois de formado, aceitou o convite do marquês Domingos Rocca e foi viver nove longos anos no solitário castelo de Vatolla, na áspera região do Cilento, para ser pedagogo dos filhos do marquês. Foram anos de estudos aturados. Todo grande sábio, conforme parece nos dizer a história, precisa de solidão ativa para elaborar e amadurecer sua doutrina. A tarefa de mestre deixava-lhe bastante tempo para freqüentar intensamente a rica biblioteca do convento dos Padres Franciscanos de Santa Maria da Piedade, em Vatolla.

Quando voltou a Nápoles, pareceu a Vico de "ser um estrangeiro em sua pátria", encontrando triunfante um mundo cultural inteiramente diverso do seu. Embora o ambiente fôsse a êle hostil ou indiferente, Vico não se amargurou ou, pelo menos, não esmoreceu. Tornou-se, no entanto, rapidamente conhecido no mundo cultural napolitano, onde triunfavam as idéias filosóficas cartesianas, e fez concurso para a cadeira de Retórica, na Universidade de Nápoles, ganhando-a. Não conseguiu, porém, a cadeira de direito civil, que tanto ambicionava. Começou, destarte, sua longa carreira de professor e de escritor.

Casou com Catarina Destino, mulher desprovida de qualquer instrução, pouco hábil também em cuidar da casa e da educação dos filhos. Vico dedicou grande carinho aos filhos, que lhe deram bem poucas consolações; um deles amargurou-lhe profundamente a existência.

Na sua vida de pensador e homem de letras, Vico lutou sempre contra duas dificuldades: a incompreensão dos contemporâneos e a sua confusa e até obscura expressão literária. Da incompreensão

5) Na edição das obras de Vico, em 8 volumes, publicada por Fausto Nicolini, as *Poesie varie* foram reunidas no V volume.

Mencionamos as obras mais importantes: *De nostri temporis studiorum ratione* (1709); *De antiquissima italorum sapientia* (1710); *De uno universi iuris principio et fine uno* (1720); *La Scienza Nuova* (1725, 1730, 1744); *Autobiografia* (1728).

dos contemporâneos muitas vezes se queixou amargamente, também em seus escritos; seus esforços para dar clareza ao seu pensamento foram contínuos, mas, apesar disto, ficou a Vico a fama de autor difícil, escritor de expressão obscura e contorta (6). A verdade é que Vico não é um caçador de esvoaçantes borboletas, mas um gigante que está a braços com blocos erráticos que ameaçam oprimi-lo.

A velhice não lhe trouxe maior serenidade no ambiente familiar, nem conforto material. Após angustiada doença, faleceu em Nápoles, em 1744.

Vico escreveu muito em latim e em italiano. Uma passagem da **Autobiografia** revela que Vico considerou sua obra-prima a **Ciência Nova**:

“... di tutte le deboli opere del suo affannato ingegno arebbe voluto che sola fusse restata al mondo la **Scienza Nuova**” (7).

O pensamento de Vico teve uma amplitude tal que aqui não é possível resumi-lo. Limitar-nos-emos a frisar o núcleo central de suas idéias e a mencionar algumas das doutrinas que despertaram seu interesse e atraíram sua atenção.

Vico deu ênfase à história. O progresso do gênero humano, concretizado através do trabalho do homem ao longo de sua história, constitui o objeto da indagação de Vico. Esta obra colossal, que é a civilização humana, é obra do homem, quer em seus aspectos negativos, quer em seus aspectos positivos. Para Vico tudo é história, e a história é a obra do homem, aliás, a única obra do homem. Poesia, direito, religião, política, língua, indústria, comércio, sociedade, arte, filosofia, ciências, etc., foram feitas pelo homem ao longo de sua história. Desde o tempo misterioso de seu aparecimento sobre a terra, em forma de bestarrão que habitava nas cavernas e nas selvas, até o presente, o homem construiu uma obra que é a sua civilização. O homem não fez o mundo físico; o homem fez a sua história, boa ou má, perfeita ou imperfeita. O que o homem faz, o que fez e o que fará é a sua história. O estudo da história passada é de importância fundamental para o conhecimento do homem e para a construção de seu futuro sobre a terra.

6) Cf. Gino RAYA, *Storia della Letteratura Italiana*, Marzorati, Milão, 1953, p. 376; Giovanni PAPINI, *Gli amanti di Sofia*, Vallecchi, Florença, 1947, p. 186, p. 186; Mario APOLLONIO, *Storia della Letteratura Italiana*, La Scuola, Bréscia, 1957, p. 333; Benedetto CROCE, *La filosofia di Giambattista Vico*, Laterza, Bari, 1911, pp. 39, 72, 94, 121. E também Miguel Reale, no seu erudito estudo sobre Vico cultor do direito, não deixa de frisar, com hilaridade, êsse aspecto dos escritos víquianos: “Inovador genial, mas não raro obscuro, que nos dá a impressão do céu paullitano no qual o esplendor do azul mais límpido pode, em poucos minutos, ser toldado por imprevistas nuvens densas”. Miguel REALE, *Horizontes do Direito e da História*, Saraiva, São Paulo, 1956, p. 131.

7) G. VICO, *Autobiografia*, VIII.

Vico viveu numa época em que, na Europa, se havia espalhado o racionalismo, especialmente cartesiano, e estava no seu pleno dia o iluminismo: movimentos culturais que hostilizavam a história e enalteciam as ciências, consideradas como construção racional do universo, construção lógica e apriorística do mundo e da realidade. Para o racionalismo e o iluminismo a história não passa de uma sequência de erros e de aberrações humanas, e, portanto, digna somente de ser esquecida. Na história tudo muda, línguas, costumes, sistemas políticos, códigos, visões científicas do universo, etc. É preciso construir tudo de um modo firme e racional; pois, a história é incerteza e confusão, ao passo que a ciência, a construção racional, que prescindem da história, é construção válida e não muda porque alicerçada sobre as idéias claras e distintas.

Na verdade, também a ciência, qualquer que ela seja, é construção do homem; o homem constrói as ciências através da história das ciências, onde o erro se mistura com a verdade. O homem racionalista e iluminista, razão pura que não erra, é uma abstração cartesiana. Esse homem não existe na história humana. O homem histórico, o que realmente existe, é dotado de razão, mas também de sentido e de fantasia. E na evolução histórica do homem, o sentido, a fantasia, as paixões tiveram uma parte, e sempre terão, que não foi, quiçá, inferior à da razão. A pretensão de conhecer o homem considerando-lhe unicamente a razão e negando-lhe paixão, sentido e fantasia, parece ser ignorância e não sabedoria.

Vico ergueu-se com vigor contra esta onda racionalista e iluminista de pensamento. Por certo, Vico não se ergueu contra as ciências, mas contra uma forma cultural e educacional que lhe parecia abstrata, apriorística e prejudicial à verdadeira compreensão do homem e de sua história.

Para Vico, o critério de verdade descoberto por Descartes não serve por esta simples razão: o **cogito** cartesiano tem somente valor psicológico; quem pensa existe, mas ter **consciência** da existência não significa ter **ciência** da existência. A ciência da existência há lugar somente quando são conhecidas as causas do existir.

O critério de verdade, segundo Vico, é, ao invés, o seguinte: a verdade é o fato — **verum ipsum factum** (8). A saber: somente quem faz uma coisa conhece-a completamente, cientificamente, porque lhe conhece todas as causas. E visto que o homem faz somente a história, isto é, é causa da história, ele tem ciência da história. Conhecer

8) Para uma compreensão correta e mais aprofundada da doutrina gnosiológica de Vico será de grande utilidade a leitura das páginas 23-77, que Franco Amério dedica a esta questão, no seu volume *Introduzione allo studio di G. B. Vico*, S.E.I., Turim, 1947.

a história, para Vico, significa conhecer o próprio espírito humano em seu desenvolvimento total: religioso, jurídico, político, lingüístico, artístico, poético, literário, industrial, científico, filosófico, etc. Deus conhece tudo porque é causador de tudo; o homem tem ciência somente daquilo que êle faz.

Seria simplório pensar que Vico negue a possibilidade de o homem conhecer o mundo físico, pelo fato de não o ter feito. Vico afirma que o homem conhece o mundo físico através da experimentação histórica; o homem tem conhecimento do ser físico tanto quanto dêle fêz experimentação histórica.

A reação contra o racionalismo cartesiano como movimento e orientação cultural encontra-se, também, em literatos da época. Lembremos Jonathan Swift, contemporâneo de Vico, que ridiculariza a concepção racionalista e cartesiana no seu famoso livro "Viagens de Gulliver". Transcrevemos aqui dois trechos relativos à viagem de Gulliver a Labuta:

"A refeição constou de duas entradas de três pratos cada uma. Na primeira havia uma pá de carneiro cortada num triângulo eqüilátero, um pedaço de carne de vaca rombóide e um pudim cicloidal... O pão foi cortado em cones, cilindros e outras figuras geométricas...

As idéias são sempre convertidas em linhas e figuras: se êles quisessem, por exemplo, glorificar a beleza de uma mulher descrevê-la-iam por meio de rombos, círculos, paralelogramas, elipses e outros têrmos geométricos" (9).

O historicismo de Vico é bem resumido nalgumas considerações do filósofo italiano Michele Federico Sciacca. O problema específico de Giambattista Vico, diz Sciacca, é o da história: a **Ciência Nova** é uma original antropologia. "O interêsse pela história põe Vico em contraste com a especulação de seus contemporâneos", especialmente com o "racionalismo cartesiano, que considera ciência somente aquilo que é redutível a idéias claras e distintas, segundo o método da demonstração matemática. O cartesianismo nega, assim, o título de ciências à **história**, cujos eventos, indeduzíveis pelo raciocínio, são o reino da arbitrariedade, do provável e do verossímil". Contra esta atitude anti-histórica, e como tal abstrata, Vico toma posição: negativa, criticando a filosofia da natureza, e positiva, reivindicando o "título de ciência para a história, à base de um nôvo critério de verdade, diverso do cartesiano". Para Vico, não o **cogito** de Descartes é critério de verdade, mas, ao invés, a "**convenção da verdade com o**

9) Jonathan SWIFT, *Viagens de Gulliver*, Edições Melhoramentos, São Paulo, s/d, pp. 95-98.

fato (verum et factum convertuntur; verum ipsum factum), ou seja, a **identificação do processo do conhecimento com o processo produtor da realidade conhecida**. Em tal caso, há conhecimento pleno, total, absoluto, **per causas**: o sujeito cognoscente é o mesmo que cria o conhecido" (10). Deus tem ciência do universo porque êle o fêz. A mente humana pode ter ciência do mundo externo, segundo o critério do **verum ipsum factum**? "Se, por ciência, se entende o conhecimento das leis que regulam os fenômenos e constituem a ordem dos mesmos, o homem tem ciência do mundo externo, no sentido das ciências naturais; se, por ciência, se entende **scire per causas**, ou seja, o conhecimento metafísico do real (essência das coisas, origem e finalidade do mundo, etc.), por um lado, êste segundo grau de saber é distinto do primeiro (por serem diversos o seu objeto e o seu método) e, por outro lado, uma vez que o homem não fêz o mundo e, portanto, no ato cognoscitivo humano o sujeito cognoscente não é o mesmo que produz a realidade conhecida, o homem não tem a ciência plena do mundo: só Deus, que o criou, o conhece de modo absoluto e pleno.

Resumindo, a **física seria ciência se o mundo natural**, que é o seu objeto de pesquisa, **fôsse uma produção do físico que pretende conhecê-lo; mas o físico não é a causa do mundo**. Por conseguinte, o homem não pode possuir verdadeira ciência do mundo natural, porque não pode conhecer-lhe o processo de causação. Só Deus, que criou o mundo, tem ciência verdadeira dêle. A física é só experiência de fenômenos e, como tal, não é ciência". Com base no seu critério de verdade, para Vico, o homem tem ciência sòmente das verdades matemáticas e do mundo da história. Com efeito, o homem "constrói os objetos da matemática (números e figuras); portanto, pode ter ciência dêles, uma vez que, neste caso, a verdade e o fato se convertem. Mas, **os objetos da matemática não são mais do que abstrações, ficções da mente humana; e, por consequência, a matemática é uma ciência, mas de abstrações e de ficções**. Dêste modo Vico (...) abre o caminho para fundar a história como a única ciência verdadeira, de que o homem é capaz". Como acima foi salientado, a história é o espírito humano em seu desenvolvimento, a história de "nós, como somos feitos e nos fazemos com a nossa atividade". Esta é a **Nova Ciência ou conhecimento do fazer-se do espírito humano na sua história**, onde êle se desdobra em várias formas através da rica, múltipla e mudável variedade dos eventos" (11).

Vico, na **Ciência Nova**, indaga o desenvolvimento histórico do homem, não considerando o homem em abstrato, mas no seu

10) M.F. SCIACCA, **O Problema da Educação**, Herder, São Paulo, 1966, vol. I, pp. 443-44.

11) *Idem*, *ibidem*, pp. 444-46.

devir concreto, que passa através de três fases, dominando, na primeira o **sentido**, na segunda a **fantasia**, na terceira a **razão**. É de se notar, no entanto, que a característica da fase anterior não se aniquila nas fases sucessivas. "As três fases são constitutivas do espírito humano, essenciais à sua vida, e o homem **puro intelecto** não é mais do que uma abstração dos racionalistas cartesianos" (12).

É uma das **dignidades** — princípios — fundamentais da doutrina de Vico, que "os homens, primeiro, sentem sem advertir; depois advertem com ânimo perturbado e comovido; finalmente, refletem com mente pura" (13). O ritmo ternário da evolução histórica realizou-se através de três idades: a dos **deuses**, em que o homem, dominado pelo sentido, pelo instinto, pela paixão, fantasiou os deuses; a dos **heróis**, em que o homem, dominado pela fantasia, põe um pouco de ordem na vida desenfreada do homem anterior, quase animalesco ou teromorfo (14), julga sua natureza heróica misturada com a dos deuses e dos homens, e, graças ao sentimento, se organiza em famílias e tribos; a dos **homens**, em que domina a razão, a reflexão, a vontade livre, e o homem constrói a civilização mais adiantada. Da espontaneidade desenfreada, violentíssima, da primeira idade, passa-se à liberdade consciente da terceira idade. Aqui chegado, no entanto, parece que o homem não sabe conservar o precioso patrimônio acumulado ao longo de sua longa caminhada. Cai então num novo estado de barbárie, de decadência pelo mau uso da razão maliciosa, que arrasta a humanidade ao trágico destino da desagregação e da ruína. Começará então outro ciclo histórico, voltando novamente o homem à espontaneidade primitiva.

A **Ciência Nova**, o grande livro de Vico, conforme juízo unânime dos estudiosos, não é bem organizado; é como que um acúmulo de pensamentos fulgurantes e originais, misturados a reflexões fatigantes, dispersivas e, por vezes, insuficientemente elaboradas. Disto decorre a perplexidade, a discordância, a variedade da interpretação e da crítica (15).

Vico, porém, teve intuições profundamente originais que irão alimentar a cultura das épocas posteriores, inclusive a nossa (16). O

12) *Idem*, *ibidem*, p. 448.

13) *Ciência Nova*, Dig. 53.

14) Alguns antropólogos da atualidade preferem usar o termo "teromorfo", em vez de "animalesco". Cf. Paul OVERHAGE, *Os Primeiros Homens, Forma Corporal e Evolução*, Herder, São Paulo, 1962, p. 35.

15) O pensamento de Vico, como é notório, foi interpretado de muitos modos e, por vezes, de maneira contrária. É suficiente aqui mencionar as interpretações de Bonifácio Finetti e Benedetto Croce.

16) Os contemporâneos parece que não apreciaram, nem entenderam Vico; e disto o pensador napolitano se queixou muitas vezes. No entanto, ele exerceu uma influência profunda na cultura posterior. Uma breve história da fortuna cultural de Vico na Itália, França, Alemanha, Japão, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina, Polônia, Rússia, Líbano, Índia, Países Latino Americanos, Espanha, etc. pode-se ver no volume 43 da grande coleção *La Letteratura Italiana — Storia e Testi*, Ricciardi, Milão-Nápoles, 1953, pp. XX-XLVI.

que empolgou Vico foi a história, obra do homem, porque desenvolvimento do próprio espírito humano. A história é a seqüência dos fatos humanos, isto é, dos fatos que têm como causa a mente humana. "A mente humana é, portanto, o princípio universal e necessário explicador do evoluir histórico. E visto que a mente humana é patrimônio íntimo de cada homem, cada um está em condição de ter conhecimento científico da história, possuindo na sua mente os princípios ou elementos pelos quais é efetivamente constituída a história" (17). O historiógrafo refaz, idealmente, a história, já constituída na sua existencialidade quando êle reflete e escreve sôbre a história.

A história científica deve ser cuidadosamente distinta da história fantástica; esta última pode ser e é, também, a história dos positivistas quando se reduzem a descrever os fatos históricos em suas circunstâncias ou particularidades materiais, sem indicar-lhes as causas que, na mente humana, os produziram. O acontecimento que não é iluminado pela mentalidade que o produziu, não é conhecido cientificamente.

Empolgado pela sua convicção de que a história é a única ciência possível, visto que o homem é causa da história e somente da história, Vico apaixonou-se pela história.

Diante do problema das origens, Vico raciocina mais ou menos desta forma. A história atual é esplendorosa; ela tem, porém, suas raízes na pré-história, que é um caos, um acúmulo de trevas. No entanto daquele caos, daquelas trevas saiu a luz da civilização atual. Como isto se deu? Não podemos apelar para os escritores, pois êstes faltavam na pré-história, e os historiadores mais antigos afirmam, em suas obras, que nada sabem a respeito das antiqüíssimas origens. Nem podemos acreditar nas mitologias ou nas tradições. Também não agrada a Vico o caminho percorrido pelos arqueólogos; a luz não pode vir daquela parte. E' preciso superar os documentos, porque os documentos devem ser iluminados e entendidos. O princípio que nos pode ajudar a compreender como realmente aconteceram os fatos naquela densa noite da pré-história paira acima da pré-história e da história, na esfera da necessidade e do dever ser. A saber, Vico recorre a uma síntese entre filologia e filosofia, afirmando na décima "dignidade": "a filosofia contempla a razão, donde vem a ciência da verdade. A filologia olha a autoridade do arbítrio humano, donde vem a consciência da certeza" (18). Em suma, não tendo outro meio seguro para saber o que aconteceu nos primórdios da humanidade, devemos recorrer à natureza huma-

17) Franco AMÉRIO, *ob. cit.*, p. 64.

18) *Ciência ..Nova*, Dig. 10.

na, que é igual em nós e nos homens que fizeram a pré-história. A natureza humana é o princípio que nos pode introduzir na pré-história. Diz Vico: "In tal densa notte di tenebre ond' è coverta la prima da noi lontanissima atichità, apparisce questo lume eterno, che non tramonta, di questa verità, la quale non si può a patto alcuno chiamar in dubbio: che questo mondo civile egli certamente è stato fatto dagli uomini, onde se ne possono, perché se ne debbono, ritrovare i principi dentro le modificazioni della nostra medesima mente umana" (19).

Doutrinas originais de Vico são, também, a da Providência e a da poesia. Brevemente, podem ser resumidas da forma seguinte.

O homem, segundo Vico, é autor da história; sendo, entretanto, o homem transviado pelas paixões e pelo egoísmo, especialmente, é incapaz de "concordia e sociedade". A civilização e o progresso humano, por conseguinte, devem ter uma causa superior, porque do bestarrão primitivo, impulsionado pelo egoísmo desenfreado e individual, não pode decorrer, unicamente, a civilização humana. Diz Vico, na sétima dignidade: "Questa degnità prova esservi provvidenza divina e che ella sia una divinamente legislatrice, la quale dalle passioni degli uomini tutti attenuti alle loro private utilità, per le quali viverebbono da fiere bestie dentro le solitudini, ne ha fatto gli ordini civili per gli quali vivano in umana società" (20). Esta mente superior que leva os indivíduos e os povos ao progresso, atua no seio da história não por força de leis impostas de fora, mas fazendo uso dos próprios costumes dos homens. Os homens fizeram, sem dúvida, este mundo das nações; mas este mundo das nações, das civilizações, dos progressos é "uscito da una mente spesso diversa ed alle volte tutta contraria e sempre superiore ad essi fini particolari ch'essi uomini si avevan proposti" (21). É esta a famosa lei de Vico sobre a heterogênesse dos fins. Homens e povos que lutam por fins egoístas, e a divina providência que faz servir as desordens do homem para a realização do progresso e da civilização. Com efeito, diz Vico, numa página muito conhecida da **Ciência Nova**:

"Vogliono gli uomini usar la libidine bestiale e disperdere i loro parti, e ne fanno la castità dei matrimoni, onde surgono le famiglie; vogliono i padri esercitare smoderatamente gl'imperi paterni sopra i clienti, e gli assoggettiscono agl'imperi civili, onde surgono le città; vogliono gli ordini regnanti de' nobili abusare la libertà signorile sopra i plebei, e vanno in

19) *Ciência Nova*, 331.

20) *Ciência Nova*, Dig. 7.

21) *Ciência Nova*, 1108.

servitù delle leggi, che fanno la libertà popolare; vogliono i popoli liberi sciogliersi dal freno delle lor leggi, e vanno nella soggezion de' monarchi; vogliono i monarchi, in tutti i vizi della dissolutezza che gli assicuri, invilire i loro sudditi, e gli dispongono a sopportare la schiavitù di nazioni più forti; vogliono le nazioni disperdere se medesime, e vanno a salvarne gli avanzi dentro le solitudini, donde, qual fenice, nuovamente risurgano" (22).

Já foi salientado que Vico não fala de uma divina providência que intervém de fora, como que com ato violento; para Vico a divina providência atua no seio da história servindo-se das circunstâncias naturais, das ocasiões e necessidades da existência, como meios e instrumentos de seu agir. Portanto, a providência viquiana é natural, imanente à ação humana; não é uma intervenção miraculosa, extraordinária, sobrenatural.

É significativo, escreve um dos melhores intérpretes de Vico, o fato de que, a este propósito, o autor da **Ciência Nova** "critica não somente Epicuro, que nega qualquer Providência, mas também Selden que vê a Providência só como sobrenatural. Para Vico, os caminhos da Providência na história dos povos são caminhos naturais" (23). E é neste sentido, com base neste conceito de providência natural, que Vico afirma: "Senza un Dio Provvidente, non sarebbe nel mondo altro stato che errore, bestialità, bruttezza, violenza, marciume e sangue; e forse, e senza forse, per la gran selva della terra orrida e muta oggi non sarebbe genere umano" (24).

Vico é católico convicto, e, para evitar malentendidos, acrescentamos que não nega êle a Providência sobrenatural, que atua por meios de todo extraordinários; mas esta Providência não é objeto das indagações filosóficas de Vico.

Outra doutrina original de Vico é a da poesia (25).

Sem dúvida erroneamente, alguns idealistas pretenderam ver na **Ciência Nova** uma teoria estética. O interesse central de Vico é a história e não a estética.

Tendo, porém, falado do evoluir histórico como de uma sucessão de etapas em que dominam, respectivamente, o sentido, a fantasia e a razão, abordou Vico, também, o problema da fantasia e da poesia, resolvendo-o a seu modo e não sem originalidade.

22) **Ciência Nova**, 1108.

23) Franco AMÉRIO, *ob. cit.*, p. 256.

24) **Ciência Nova Primeira**, 476.

25) Para uma compreensão correta da doutrina de Vico sobre a poesia, cf. F. AMÉRIO, *ob. cit.*, pp. 166-191.

Segundo Vico, a fantasia é a mente humana, ainda não dominada pelo desenvolvimento da razão. Diz êle na **Ciência Nova**, quando fala dos homens da idade poética: era necessário que aquêles povos, "i quali erano quasi tutti corpo e quasi niuna riflessione, fusero tutti vivido senso in sentir i particolari, forte fantasia in apprendergli... acuto ingegno.... Le quali facultà appartengono, egli è vero, alla mente, ma mettono le loro radici nel corpo e prendon vigore dal corpo" (26).

A unidade de fantasia e de engenho dá origem ao universal fantástico, a que Vico dá grande importância, pois constitui a expressão do homem primitivo e chama-se mito. Os homens primitivos não podiam raciocinar mediante conceitos, por não os terem, faltando-lhes a reflexão. Noutras palavras, o universal fantástico, entre os primitivos, desempenhava o papel da idéia, do conceito.

Poesia e expressão poética eram coisas necessárias para os homens primitivos; uma coisa séria, não sonho, deleite. Antes dos filósofos foram os poetas; ou melhor, os homens antes de raciocinar por conceitos e idéias, se expressaram poeticamente por mitos, imagens. E visto que êsses mitos, essas imagens sacudiam os primitivos e paulatinamente os educavam, os civilizavam, arrancando-os destarte da barbárie, a poesia foi uma sabedoria. Os homens-poetas foram os primeiros artífices da civilização humana.

Vico não nega a possibilidade da poesia na época da razão, pois também na idade reflexa o homem não perde o sentido e a fantasia; mas é êste um problema pelo qual não se interessou demoradamente.

Estas considerações rápidas e sumárias não têm, por certo, a pretensão de ser uma exposição completa e orgânica do pensamento de Giambattista Vico. Mostram elas, contudo, a riqueza de seu mundo cultural, que levou Cristina Trivúlzio, princesa de Belgioioso, a dizer: "Je n'ai connu personne que soit demeuré froid devant le génie de Vico" (27).

26) **Ciência Nova**, 819.

27) Conhecida estudiosa de Vico, traduziu para o francês a **Ciência Nova**, e escreveu um **Essai sur Vico**.